

SANTOS, Cristian José Oliveira.
Devotos e devassos: representação dos padres
e beatas na literatura anticlerical brasileira.
São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

Padres, beatas e cânone literário brasileiro

CINTIA SCHWANTES*

O Naturalismo, no Brasil, é uma escola sob suspeita, a de colocar suas teses à frente da qualidade estética nas obras literárias que produziu. A literatura engajada é, em geral, considerada descuidada exatamente naquilo que faz a literatura ser arte. Mais do que isso, engajamento político e qualidade literária são largamente considerados pela crítica como sendo mutuamente exclusivos.

Outra das críticas que o establishment literário brasileiro faz à escola é o de que se trata de mera transposição de uma escola francesa que, na França, conseguiu de alguma

forma aliar uma plataforma política com excelência artística. O romance francês do séc. XIX, que provocou uma pequena revolução na forma como o próprio funcionamento da ficção se organiza, não poderia ser acusado de falhas na qualidade literária (até pelo capital simbólico envolvido no mero fato de ser francês e reconhecido em seu país). Assim, sua contraparte nacional pode ser considerada falhada exatamente por emular o modelo francês, sem a necessária adaptação à realidade do Brasil, claramente diferente da francesa. Afinal, a luta por uma identidade nacional,

* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora da Universidade de Brasília. E-mail: ckschw@gmail.com

iniciada no século anterior, estava longe ser considerada vencida, e fazer uma literatura que não levasse em conta a ideia de nacionalidade (que, vale notar, não fosse engajada com a construção da brasilidade) constituía um problema de grandes proporções.

Assim, a literatura naturalista no Brasil encontra-se sob escrutínio, o que se acentuou após as vanguardas do primeiro séc. XX, que colocam a elaboração literária como valor absoluto (embora, novamente, sejam fundamentalmente engajadas com a ideia de nação). Embora seja posterior à escritura das obras naturalistas, esse é um dado importante visto como tem impacto em sua recepção até os dias de hoje.

As contradições da crítica, portanto, continuam pesando sobre o romance naturalista brasileiro. Seria fácil apontar a necessária inserção de qualquer obra literária, ainda que seja de ficção científica, na sociedade na qual é criada – o contemporâneo Simbolismo encontrou muito menos oposição que o Naturalismo, embora contasse com o mesmo capital simbólico. Também acusado de mera adoção de uma estética estranha ao país, o Simbolismo (que não obstante desvela muito sobre o Brasil dos noventa) teve uma sobrevida na influência reconhecida que exerceu sobre poetas do século seguinte. O mesmo não acon-

tece com o Naturalismo. A crítica, com mais facilidade, associa o Romance de 30 ao Modernismo (alem, é claro, do Realismo) do que ao Naturalismo, apesar das óbvias proximidades.

Mas foi o Naturalismo de fato um acidente, um enxerto mal-sucedido, que não deixou marcas apreciáveis na literatura brasileira e cujo impacto social foi insignificante? Essa é uma das questões que nos coloca Cristian Santos, em *Padres, beatas e devotos: figuras do anticlericalismo na literatura naturalista brasileira*. Resultado de pesquisa extensa e cuidadosa, a obra procura situar seu corpus, os romances *O Homem e O Mulato*, de Aluísio de Azevedo, e *Morbus*, de Faria Neves Sobrinho, no cenário intelectual brasileiro da época.

A escolha do corpus não foi determinada apenas pelo recorte, o estudo da representação de membros do clero e devotos de ambos os sexos, mas também levou em consideração a própria inserção do Naturalismo como escola na historiografia literária brasileira. Azevedo é um autor que entrou para o cânone (ou ao menos para a fímbria do cânone). Faria Neves Sobrinho não. Além das questões de centro e periferia, uma vez que um autor geograficamente bem situado teria melhores possibilidades de promover a própria obra, precisamos levar em conta o próprio fato de o

autor ter uma filiação literária que se encontrava sob ataque (mesmo no séc. XIX). *Morbus* não é completamente desprovido de qualidades literárias, nem de cor local, aspecto valorizado enquanto expressão de nacionalidade. Como romance, não é inferior a obras que entraram para o cânone, como *A Moreninha*, por exemplo.

Morbus compõe o corpus por ainda outra razão, a de que se trata de uma das poucas obras (provavelmente a única no Brasil) a apresentar a figura do beato, um homem que, apesar de não ter tomado os votos, leva uma vida centrada na religiosidade e na devoção. O final reservado ao protagonista, Bernardo, é tão desastroso quanto o que é reservado à Magdá, a protagonista de *O homem*. Ambos adoecem em consequência de uma educação equivocada, uma educação anacrônica e contraproducente, que conduz à ruína física ou moral, ou ambas.

As beatas presentes em *O mulato* não têm destino tão devastador. Personagens secundárias, elas não ocupam espaço suficiente na narrativa para que suas histórias sejam longamente apresentadas. No entanto, o narrador não deixa dúvidas quanto a sua inadequação, e mesmo maldade. Enquanto professam uma caridade cristã de fancaria, são cruéis com os escravos, são supersticiosas, são solteiras (um defeito em si mesmo), e, se casadas,

fazem a infelicidade dos maridos e não administram propriamente suas casas por estarem sempre metidas na igreja. Isso não quer dizer que elas não tenham uma função importante na trama. Elas provêem a narrativa de um modelo negativo que ressalta o modelo positivo, o de Ana Rosa.

O que faz com que essa seja uma personagem feminina positiva (malgrado seu destino, que tampouco é feliz, e pode mesmo ser arguido como inverossímil, uma vez que contraria a própria construção da personagem)? O fato de que ela expressa um ideal de educação feminina, a da mulher que é mãe devotada, em primeiro lugar, e boa esposa, saudável de corpo e, conseqüentemente, de espírito. Ela se configura, como bem Cristian Santos aponta, como o modelo positivista de mulher.

Assim, como o autor bem aponta, o positivismo se encontra no horizonte ideológico dos romances naturalistas. O anticlericalismo que os leva a se posicionarem contra o domínio da igreja em assuntos seculares, aponta sua intenção modernizadora, seu projeto de nação, uma nação que, como um corpo assolado por uma infecção, está doente e precisa ser purgado.

O discurso médico da época, preocupado com o bom funcionamento dos corpos para que eles bem

desempenhassem sua função social, alimenta os romances naturalistas. É esse discurso que Cristian Santos examina cuidadosamente, buscando suas ressonâncias no corpus escolhido. Enquanto ciência, oposta à religião e seu corolário, a superstição, a medicina se coloca como porta-voz da modernidade, da sanidade dos corpos, tanto individuais quanto coletivos, e portanto, dos espíritos. Ele se coloca como a alternativa certa, aquela que, ao propugnar as atitudes adequadas, ainda que opostas ao que prega a igreja (o dr. Lobão, o médico, diz com brutal franqueza ao pai de Magdá que ela precisa casar – não exatamente do rito social, mas do ato carnal – para garantir sua sanidade, e prevê os desastres que podem advir de se contrariar a natureza) garantem a boa saúde coletiva.

Os membros do clero, por outro lado, têm larga tradição como personagens na literatura brasileira, que tanto precede como se prolonga além do Naturalismo. Diferentemente de beatas de ambos os sexos, apresentados na literatura majoritariamente como vítimas mais ou menos inocentes da manipulação de padres, monges e frades, essas personagens encarnam todos os males de uma sociedade atrasada, na qual a igreja se imiscui em assuntos seculares, e que se opõe à necessária modernização. Mesmo quando não ativamente más,

tais personagens são apresentados como ineficientes, descumpridoras de seu mandado divino, centradas exclusivamente em seus interesses pessoais, sejam de poder, conforto, privilégio ou prazeres de diversas procedências (não necessariamente sexuais, pois ainda temos a figura do frade glutão a compor essa galeria de personagens) em detrimento do bem de seu rebanho.

Embora vilanizadas, elas não são tampouco personagens principais. Nem seria produtivo em um romance que pretende fazer a crítica de um corpo social atrasado e cheio de problemas, dos quais sem dúvida a onipresença da igreja é um dos, senão o maior, mas de forma alguma o único, entrave no caminho das necessárias mudanças, centrar a ação em uma personagem religiosa. Mesmo porque isso seria conferir a ela, dentro do universo ficcional, uma importância que os autores pretendiam cercear, entre outras formas de militância, com suas obras literárias.

Beatos e beatas, por outro lado, ocupam o lugar de protagonistas pois servem como metáfora para os males sociais que as obras pretendem denunciar – ou, mais propriamente, diagnosticar. Magdá é sem dúvida a protagonista – no entanto, é deslocada do centro desde o título, que se refere não a ela, o corpo adoecido pela prática religiosa descabida e

antinatural, mas ao médico que tenta curá-la. Bernardo, por sua vez, é um protagonista em seu próprio direito, e toda a narrativa é uma extensa explicação de como ele chegou a um estado tal de moléstia física e mental, que sucumbiu, como se o romance fosse a ficha médica do personagem. Hereditabilidade e educação se conjuram para levá-lo à ruína. Aqui, o viés científico agregado à obra literária pelos autores naturalistas aparece de forma tanto mais clara posto que é intencional.

Em consonância com seu aporte teórico, a análise de um discurso literário que se alimenta do discurso científico e se pretende tão exato quanto ele, Padres, beatas e devotos: figuras do anticlericalismo na literatura naturalista brasileira se centra na representação, dentro das obras literárias, desse corpo que funciona mal, o dos padres, dos curas, das beatas, dos devotos.

Para isso, a obra se divide na **Introdução**, na qual as bases teóricas e a hipótese são expostas, seguida do primeiro capítulo, intitulado **Literatura Naturalista e Anticlericalismo**. Aqui, após retrair o significado do vocábulo “anticlericalismo”, que nem sempre significou antirreligiosidade, nem sequer ateísmo, o autor se debruça sobre o significado de seu contrário, o clericalismo, também de acordo com os diversos conteúdos que recebeu ao longo do tempo. Assim

que o leitor finda por descobrir como, de crítica interna da Igreja, o anticlericalismo se torna crítica externa, levada a cabo primeiro pelas manifestações estéticas, entre elas a literatura, que serviu de porta-voz às forças políticas modernizadoras. Assim também no Brasil, onde as forças políticas liberais propunham a abolição da escravidão e o final da monarquia, ambos com a chancela da igreja. De forma que o Naturalismo brasileiro tinha fartos elementos dentro do país, dos quais se alimentar. As obras francesas, que tinham grande penetração entre a elite culta (e liberal) no Brasil, são aqui estudadas enquanto contraponto à forma como o Naturalismo aconteceu sob o trópico, e a acusação de que ele seria mera cópia do modelo francês é discutida. O próprio princípio de objetividade proposto pela escola francesa é discutido.

O segundo capítulo se debruça sobre o romance *O Mulato*, um dos mais famosos do Naturalismo Brasileiro. Não apenas as circunstâncias da escritura do romance são apresentadas, mas também a própria origem da palavra “beata” e a representação da personagem em vários romances brasileiros, não apenas naturalistas, são utilizadas na análise de como são elas representadas no corpus. Fanáticas, supersticiosas, defensoras de uma ordem anacrônica, e patologi-

zadas, elas são não obstante vítimas, posto que não têm nem as armas intelectuais, nem morais, para se defender, e a quem se deve salvar.

No terceiro capítulo, *Morbus*, que traz no subtítulo a proposta naturalista (Romance patológico), é analisado. Bernardo, o protagonista, é filho de uma beata e um homem colérico, e não teria como escapar da confluência dessa herança genética malsã com a educação equivocada propiciada pela mãe. A escola, que poderia ter sido sua via de libertação, mais o prende, por ser também um colégio católico. Aqui, até por causa da devoção que a personagem principal não só professa como também pratica, os personagens clérigos, tanto outros devotos que não têm um interesse tão puro na vida religiosa, mas buscam nela privilégios sociais, quanto os padres que estão mais interessados no seu conforto pessoal (inclusive revelando a confissão do protagonista, numa clara quebra de seu voto) recebem espaço significativo. Apresentado por um narrador heterodiegético, esse universo ficcional funciona como uma denúncia, na qual nem um elemento é sem significado.

A terceira obra a compor o corpus é analisada no quarto capítulo. Romance menos famoso de Aluisio de Azevedo, *O Homem* apresenta um enredo mais simples – após uma desi-

lusão amorosa, a protagonista opta pelo celibato e daí advém sua desgraça, pois a natureza, contrariada, a leva à loucura e ao crime. No entanto, para os propósitos de análise empreendidos aqui, esse romance é muito adequado, posto que nele a beatice não leva apenas a patologias menores, como achaques, “nervos” e que tais. Como em *Morbus*, o corpo que sofre a ação de uma força deformante, a da igreja, vai apresentar um adoecimento extremo. O conceito de histeria, o mal que aflige Magdá, é historiado, e a confluência entre o discurso médico da época e aquele apresentado pelo dr. Lobão é apontada. Assim, e de acordo com as convicções reinantes, ele aponta a prática do sexo como única maneira de evitar os acessos histéricos. Magdá tem sonhos eróticos, e reza sem sucesso para livrar-se deles. Assim, o romance aponta a falência da igreja em oferecer alívio verdadeiro aos crentes, e pior, a sua influência como adoecedora.

Na **Conclusão**, encontramos uma síntese da riqueza de informações e sua articulação com o aporte teórico, enquanto análise do Naturalismo como movimento, e do corpus abordado.

Enfim, essa é uma obra fundamental para uma revisão, bastante necessária, do romance naturalista e sua presença na literatura brasileira.